

Classe média vai ao paraíso

A classe média já representa mais da metade da População Economicamente Ativa (PEA) nas seis principais regiões metropolitanas do País. Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora ocupam essa faixa foram as grandes beneficiadas pela estabilidade macroeconômica e pelo aumento do emprego com carteira assinada. É o que revela o levantamento A Nova Classe Média, do Centro de Políticas Sociais

3 MILHÕES DEIXARÃO A POBREZA

Entre 2002 e o final deste ano, 3 milhões de brasileiros que moram nas seis principais regiões metropolitanas do País terão saído da pobreza. É o que aponta estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). A taxa de pobreza nessas regiões cairá de 32,9% para 24,1%. A-2

da Fundação Getúlio Vargas. Segundo a pesquisa, hoje há maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há seis anos.

No levantamento da FGV, a classe C é classificada como classe média, com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591. A-2

PESQUISA - Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora compõem a classe C foram as grandes beneficiadas pela estabilidade da economia brasileira e pelo aumento do emprego com carteira assinada

Classe média em alta

ADRIANA FERNANDES
DA AGÊNCIA ESTADO

A classe média já representa mais da metade da População Economicamente Ativa (PEA) nas seis principais regiões metropolitanas do País. Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora ocupam esta faixa foram as grandes beneficiadas pela estabilidade macroeconômica e pelo aumento do emprego com carteira assinada. É o que revela o levantamento "A Nova Classe Média", divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Segundo a pesquisa, hoje há

maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há seis anos.

Desde 2002, a participação da classe média na população ativa aumentou de 44,19% para 51,89% nas seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), que formam a base da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No levantamento da FGV, a classe C é classificada como classe média, com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591.

O economista Marcelo Nery, um dos coordenadores da pesquisa, usou dados da

PME para traçar um retrato da atual classe média e sua evolução nos últimos seis anos. Ele aponta como um dos principais fatores que contribuíram para inflar esta faixa de renda a expansão nos empregos com carteira assinada. "A carteira assinada é o grande símbolo da classe média", sentencia.

O fenômeno é dissociado dos efeitos de programas assistenciais, como o Bolsa Família, por exemplo. "Na verdade, a nova classe média é aquele segmento do meio, que cresceu muito nos últimos anos: o grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho", afirmou.

Esse aumento no número de

pessoas empregadas pode ter influenciado uma redução nos índices de pobreza e de miséria, nos últimos seis anos, também revelado pela pesquisa. "Na verdade, o levantamento apresentou um cenário positivo também no combate à desigualdade", afirmou o economista.

Os dados da análise mostraram o desenvolvimento do Índice de Gini, que mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. O valor do índice varia de 0 a 1, sendo que 0 significa que não há desigualdade e 1 representa um cenário onde a desigualdade é máxima, ou seja, apenas um pequeno grupo

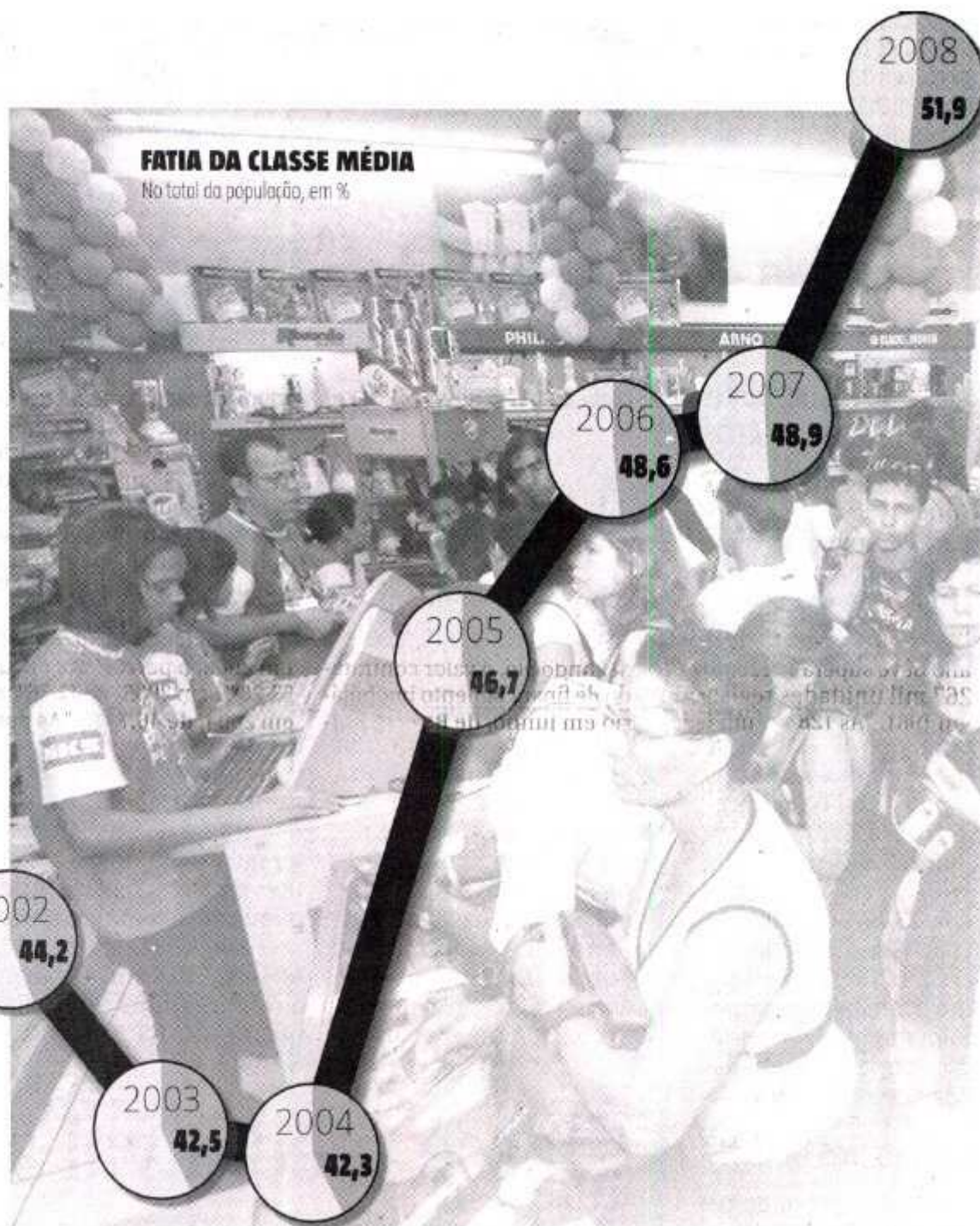
detém toda a renda da sociedade. De abril de 2002 para abril deste ano, o Índice de Gini passou de 0,62 para 0,58.

O economista comentou que a participação das famílias na faixa da miséria, com renda próxima de zero, no total da população pesquisada caiu de 34,93% para 25,16%, nos últimos seis anos. "Estamos com uma boa safra de indicadores sociais, nunca antes vista", disse.

APAGÃO NA QUALIFICAÇÃO. Nery comentou que um dos pontos fracos apontados pelo levantamento foi a ausência de mão-de-obra qualificada para cargos com maiores salários. "Antes tínhamos uma crise de desemprego; hoje temos um apagão de mão-de-obra", disse.

A pesquisa revelou ainda que a renda média domiciliar total da população pesquisada para o levantamento saltou de R\$ 1.784,08 para R\$ 1.956,90 de abril de 2002 para abril deste ano – um aumento de 9,6%.

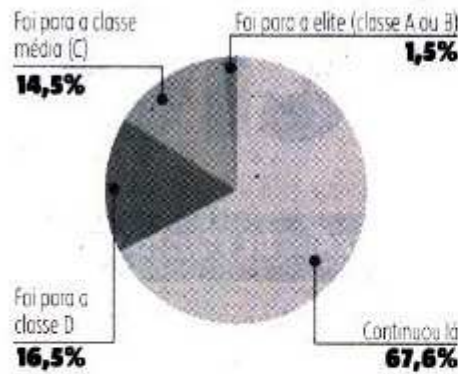
Nos últimos seis anos, a participação das classes A e B (famílias com renda superior a R\$ 4.591 mensais) também aumentou nas seis regiões metropolitanas passando de 11,61% para 15,52%. Já a participação das famílias de classe mais baixa, que ganham menos de R\$ 1.064 por mês, caiu de 46,13% para 32,59% da população.



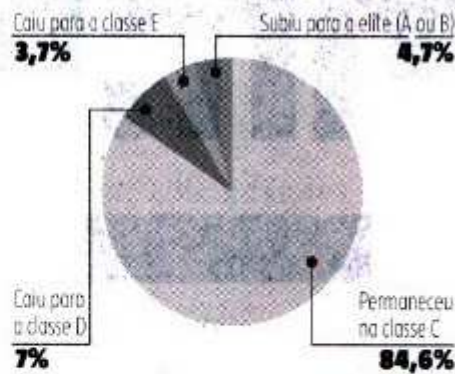
MOBILIDADE SOCIAL

O que aconteceu, em quatro meses, com quem...

...estava em janeiro de 2008 na miséria:



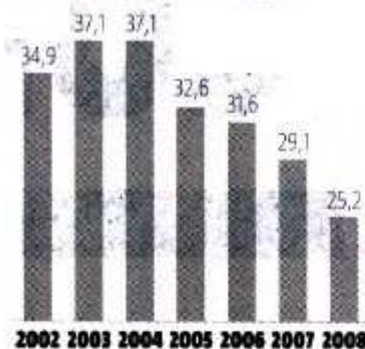
...estava em janeiro de 2008 na classe média (C):



OS INDICADORES

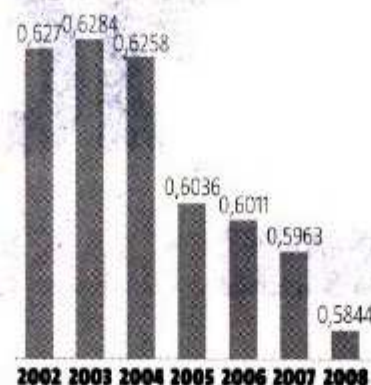
População miserável

Parcela nas seis principais regiões metropolitanas brasileiras, em %*



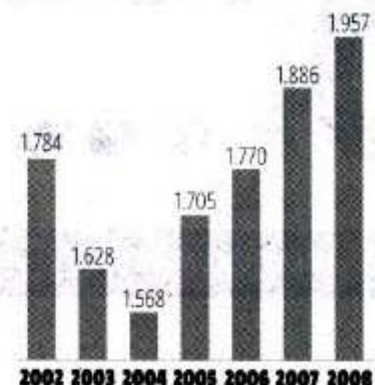
Desigualdade

Medida pelo índice de Gini**



Renda domiciliar

Em R\$



DEFINIÇÃO DAS CLASSES SOCIAIS

Por renda domiciliar total

Pobre (classe E)

Abaixo de R\$ 768

Remediado (D)

De R\$ 768 a R\$ 1.064

Classe média (C)

De R\$ 1.064 a

R\$ 4.591

Elite (A e B)

Acima de R\$ 4.591

*Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife

**Índice que vai de zero a um e, quanto mais próximo de um, maior a desigualdade
Fonte: CPS/IBRE/FGV, com base nas microdados da PME/IBGE

3 milhões saem da pobreza

ADRIANA FERNANDES
DA AGÊNCIA ESTADO

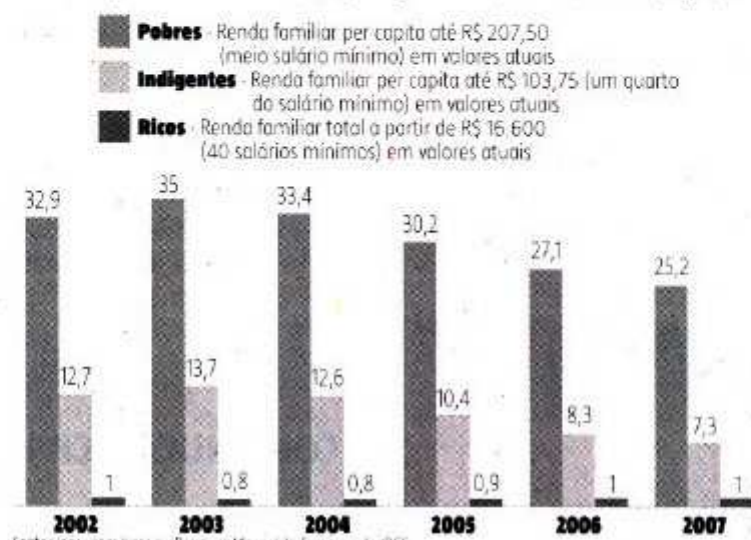
Entre 2002 e o final de 2008, três milhões de brasileiros que moram nas seis principais regiões metropolitanas do País – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife – terão saído da pobreza. É o que aponta estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do governo federal. A taxa de pobreza nesses seis capitais do País – onde vive um quarto da população brasileira e são produzidos dois quintos do Produto Interno Bruto (PIB) – cairá de 32,9% para 24,1%.

Esse contingente populacional passou a integrar o grupo que o presidente do Ipea, Márcio Pochmann, chamou hoje de "classe média emergente". Esse novo segmento da população se expandiu com o crescimento econômico dos últimos anos, que permitiu o aumento do emprego e da renda. Desde 2003 até o final 2008, quatro milhões de pessoas terão saído da pobreza. Em 2003, ano seguinte à crise econômica, o número de pobres era maior do que em 2002.

A pesquisa do Ipea também apontou crescimento do número de "novos ricos". Esse grupo aumentou 28,1 mil entre 2002 e 2008. Em 2002, as pessoas consi-

DIMINUI A POBREZA NO PAÍS

Pobres, indigentes e ricos nas seis principais regiões metropolitanas, em % da população



deradas ricas nas seis regiões correspondiam a 448,5 mil. Agora, em 2008, somarão 476,6 mil. Apesar disso, a participação de ricos no total da população nessas seis regiões metropolitanas, permaneceu estável, em 1%.

O Ipea classificou como pobres as pessoas que têm renda per capita igual ou inferior a meio salário mínimo (R\$ 207,50). Ricas são aquelas pertencentes a famílias com renda igual ou maior do que 40 salários mínimos (R\$ 16,6 mil).

Para elaborar a pesquisa, o Ipea trabalhou informações da Pesquisa Nacional por Amostra

de Domicílios (Pnad) e da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE. Os dados de 2008 foram estimados pelo Ipea, uma vez que o ano ainda não terminou. Pochmann ressaltou, no entanto, que a pesquisa capta basicamente a renda oriunda dos rendimentos do trabalho e da aposentadoria. "O Brasil está deixando de ser um país de pobreza absoluta para ser um país de pobreza relativa, diminuindo a distância entre o topo e a base da pirâmide", disse Pochmann. "O avanço é maior nos pobres do que nos ricos", acrescentou.

Segundo o economista, a

pobreza está caindo nessas seis regiões por conta do crescimento da economia, do aumento do salário mínimo, dos programas sociais de transferência de renda do governo, como Bolsa Família, e dos incentivos à agricultura familiar.

A maior queda na pobreza foi observada na região metropolitana de Belo Horizonte, onde o número de pobres cairá de 38,3% da população em 2002 para 23,1% da população até o final de 2008. Por outro lado Recife e Salvador apresentaram as maiores taxas de pobreza: 43,1% e 37,4%.

A pesquisa também mostrou redução do número de indigentes nas seis regiões metropolitanas. Em 2002, 5,6 milhões de pessoas eram consideradas indigentes e neste ano esse contingente cairá para 3,1 milhões. Indigente na pesquisa é quem vive com até um quarto do salário mínimo por mês. Na avaliação de Pochmann, o retrato observado nessas capitais pode ser estendido para o resto do País.

O presidente do Ipea alertou, porém, que os ganhos de produtividade não estão sendo repassados aos salários. Isto porque, segundo afirmou, os mais ricos estariam "capturando" o crescimento da produtividade, sem repassá-los para os trabalhadores com salários mais baixos.

Juros poderão frear o processo

Um cenário de desaceleração do crescimento da economia provocado pela alta da taxa de juros poderá frear a redução da pobreza no País, disse o presidente do Ipea, Márcio Pochmann. "Se não houver nenhuma medida que compense, possivelmente teremos um quadro de desaceleração da economia, que vem com menos emprego e renda, impactando o comportamento da pobreza", advertiu.

Pochmann avaliou, no entanto, que os efeitos do aumento dos juros na economia podem ser "contrarrestados" pelo governo: "Temos efeitos que contrarrestam o impacto dos juros, como o compromisso do governo em prosseguir com o Programa de Aceleração Econômica (PAC), ampliação do gasto público e correção dos salários. É preciso olhar com cuidado qual o efeito dos juros e se ele é capaz de contrarrestar outras forças que estão comprometidas com o crescimento da economia nacional", disse Pochmann.

Segundo Pochmann, parte significativa do crescimento da economia em 2008 foi "assentada" no ano passado, quando o cenário de elevação dos juros não estava definido. "Sinais mais concretos do comportamento da economia poderão ser observados no final do ano e início do ano de 2009", disse.

Sem fazer críticas diretas ao Banco Central, o presidente do Ipea ressaltou que os salários não são fonte de pressão inflacionária. Ele avaliou que os ganhos de produtividade, ao não serem repassados para o conjunto dos trabalhadores, terminam favorecendo os segmentos mais privilegiados, que acabam acumulando maior riqueza. "Quando os salários não incorporam a produtividade e, no máximo acompanham a inflação terminam não sendo fonte de pressão inflacionária de custos", disse.

Para Pochmann, os dados mostram que o setor industrial vem operando com uma queda do custo de produção a partir dos salários.